



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº32 ♦ JULHO/AGOSTO ♦ 1994 ♦ BIMESTRAL

EDITORIAL

REMEDIAR E PREVENIR

É crescente, atrevemo-nos a dizê-lo, o número de pessoas que desinteressadamente se dispõem a ajudar os mais carentes... de tudo.

Das ONG a outras instituições de solidariedade social, diariamente nos damos conta de programas de ajuda, de planos de intervenção perante situações gritantemente injustas como a fome, a pobreza extrema, a doença, os maus tratos, o analfabetismo — enfim, um conjunto difícil de enumerar, e por isso mesmo difícil de resolver.

Mas chega a ser frustrante ver como tantas boas vontades têm resultados afinal tão aquém dos objectivos mínimos.

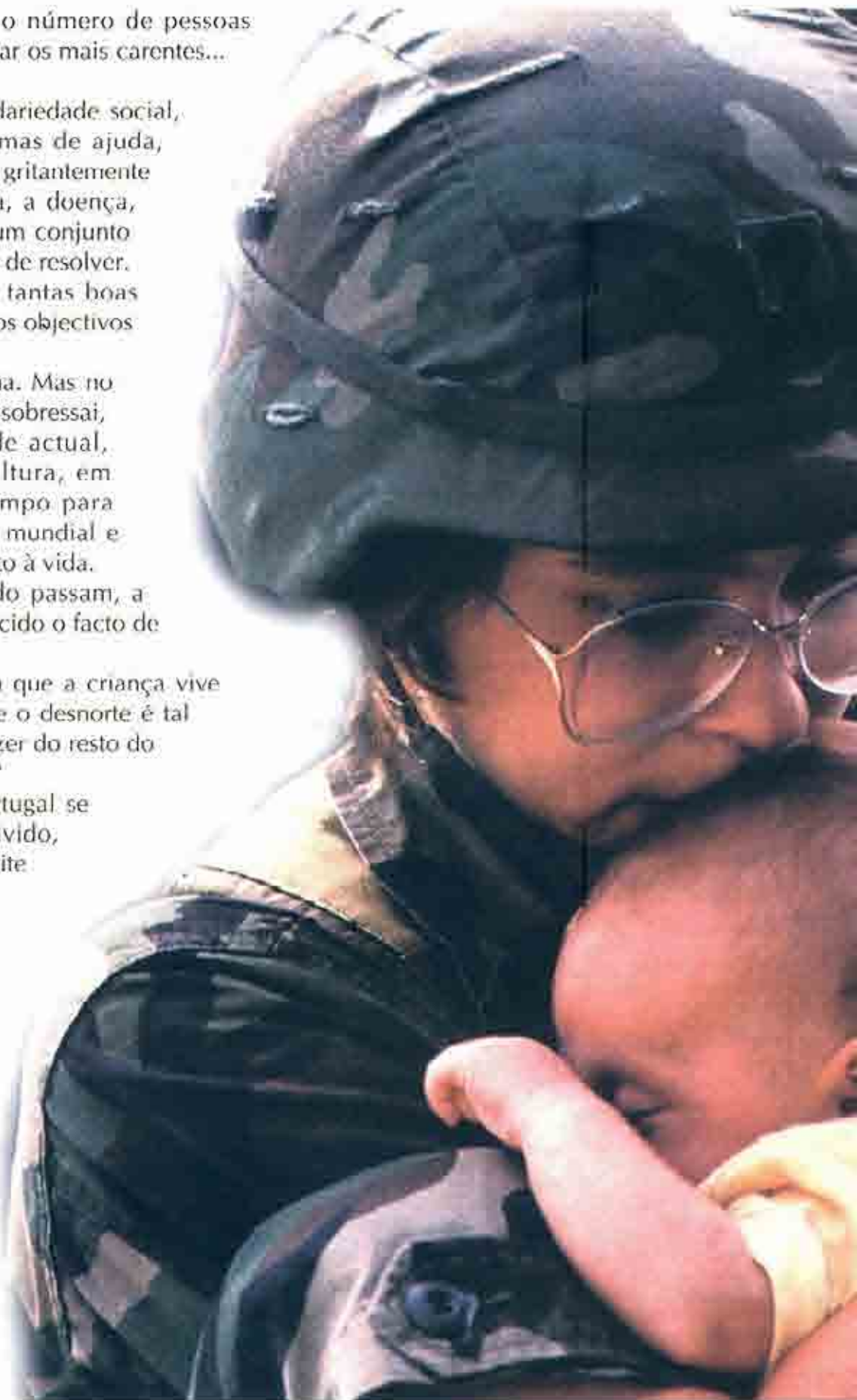
Porquê? A resposta não será apenas uma. Mas no conjunto das possíveis ocorre aquela que sobressai, talvez por ser a mais óbvia: à sociedade actual, embrenhada em desenvolvimento e cultura, em compromissos e acordos, não sobra tempo para pensar em mais de metade da população mundial e nos seus problemas primários, como o direito à vida.

Vítimas indefesas, as crianças por tudo passam, a tudo são submetidas, ao ponto de ser esquecido o facto de elas serem, afinal, o futuro.

É se há situações no mundo inteiro em que a criança vive num clima de guerra generalizada, em que o desnorte é tal que não há tempo para nela pensar, que dizer do resto do mundo, o desenvolvido, o ocidental, o rico?

Aí — e não tenhamos a ilusão de Portugal se poder eximir ao epíteto de país desenvolvido, embora à nossa dimensão —, como se admite que paredes meias com a abundância ou mesmo com o mínimo essencial subsistam muitas, muitíssimas situações de total miséria, a níveis às vezes a roçarem o que se passa em zonas de guerra?

Não há, evidentemente, soluções mágicas para problemas desta gravidade. Mas perante os efeitos, ao longo dos anos indiscutivelmente desastrosos, que dizer das causas? Quanto a estas, cabe com certeza às sociedades, aos governos e aos governantes, e também a cada um de nós, tudo fazer para tornar cada vez menos necessário remediar. Prevenir, mais do que debelar, é preciso.



IN-38 PROJECTO DE TRABALHO

ADELINA ODETE MARQUES

ESTE projecto iniciado em Outubro de 1989, foi integrado no Programa Comunitário "Pobreza 3" em Março de 1990.

Desde o início até ao momento, foram contactadas pelo Projecto cerca de 449 Crianças de Rua. Poder-se-á dizer que em 17% das contactadas os objectivos do Projecto foram integralmente alcançados; em 30% parcialmente alcançados, isto é, encontram-se em Fase de Transição. Isto significa que 47% das crianças contactadas mudaram a sua forma de viver, encontraram um Projecto de Vida, depois de um trabalho sistemático com a Equipa do Projecto. Podem ainda juntar-se a estas crianças mais 32%, que com um trabalho menos prolongado deixaram de frequentar a zona de fuga, tendo voltado à sua Família ou à Instituição de onde tinham fugido. Nesta data, apenas 6% não desejam o apoio directo do Projecto, embora se relacionem com os Animadores de Rua e 14% encontram-se em Fase de Abordagem.

O Projecto editou um pequeno manual sobre o Trabalho Com Crianças de Rua a fim de, tal como

do mesmo consta, reunir o que de mais significativo tem vindo a contribuir para o trabalho em questão. Na verdade, a memória assim organizada servirá de referência do caminho percorrido, contribuindo para o seu prosseguimento e desenvolvimento sem perda de coerência, e será testemunha das nossas preocu-

pações em prol das Crianças de Rua, incentivando, porventura, o interesse e entusiasmo de outros empreendimentos na mesma esteira.

O conhecimento da problemática das Crianças de Rua sugere-nos algumas recomendações a ter em conta, quando se pensa em intervir junto de um grupo alvo com estas características. Assim diríamos que:

1 — Que cada criança é única, tem o seu ritmo e é ela que comanda o processo de mudança, com ajuda obviamente, mas é ela a principal protagonista;

2 — Que a relação personalizada/implícita, o afecto, a compreensão e a promoção da auto estima são os pilares da mudança de atitudes e comportamentos e da construção de um novo Projecto de Vida;

3 — Que o processo de recuperação implica a transmissão de valores, de quadros de referência. Esperar que a mudança se opere sem que da parte do interventor haja preocupação pedagógica deliberada, isto é intencional e motivante na área dos valores, afigura-se-nos expectativa vã;

4 — Que se tem de desenvolver a par com o trabalho junto das Crianças de Rua, uma dinâmica que conduza à participação activa e empenhada das famílias na reinserção da criança e na criação de condições de Em Família Para Crescer;

5 — Que a intervenção empenhada e articulada da ossatura da Comunidade, especialmente das Instituições e Serviços mais directamente ligadas à problemática é imprescindível. A Criança tem de crescer na Família e na Comunida-

de com participação de todos e por isso o Trabalho em Rede tem de ser incentivado;

6 — Que tem de ser desencadeado um trabalho comunitário, de desenvolvimento local, nos contextos urbanos atractivos da população à procura da inserção económica e social, para prevenir novas situações de marginalidade;

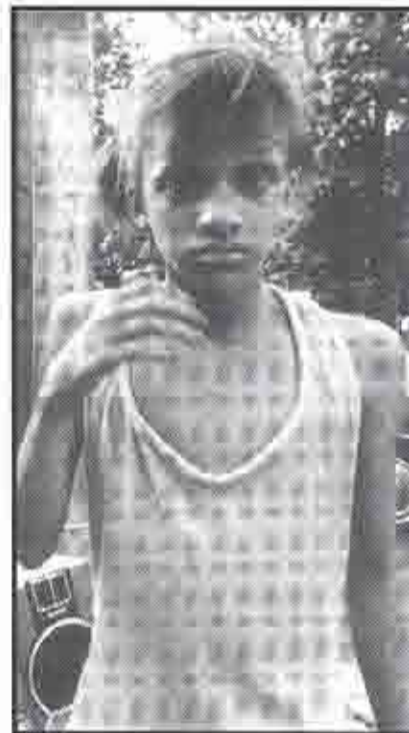
7 — Que se torna importante o reconhecimento das diferenças das

Crianças e Jovens de Rua, designadamente para adequar o tipo de intervenções e políticas que lhes possam ser dirigidas, nomeadamente nas áreas da Saúde, da Formação ou Experiência Profissional, da Educação, da Segurança Social, da Habitação e da Situação Institucional de Internamento;

8 — Que o trabalho social exige da parte de quem o realiza, um vocacionamento específico,

uma necessidade de dádiva aos outros. Isto conduz a uma nova forma dos técnicos de estarem no terreno. Isto conduz ao trabalho técnico personalizado e afectivo; ao trabalho junto das pessoas, lá onde elas têm o seu mundo e se sentem seguras, lá, onde pode não haver condições físicas, mas há com certeza condições psíquicas para um trabalho mais eficaz. Impõe-se, pois, uma reflexão sobre a formação e posicionamento dos serviços e dos técnicos no que se refere ao trabalho de campo;

9 — Que a multidimensionalidade presente na situação das Crianças de Rua conduziu nos visar o efeito e as causas próximas, já que erradicar a pobreza e o subdesenvolvimento que lhe é inerente são tarefas complexas de toda a Comunidade, na base de uma adequa-



BOLETIM DO IAC
N.º 32
JULHO/AGOSTO 1994
director
Máilde Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico do IAC
António Torrado
Clara Castilho
Leonor Santos
edição
Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1300 Lisboa
concepção gráfica
e produção
Joana Imaginário
fotolitos
Roseta, Lda
impressão
Tipografia Lugo
depósito legal
N.º 74 186/94
tiragem
3000 ex.

COM CRIANÇAS DE RUA

5



FOTOGRAFIA DE JOSÉ MANUEL RIBEIRO

da e concertada política económica e social da governação do País, traduzida em medidas concretas e coerentes. Impõe-se, para que os Projectos tenham êxito, que com humildade, embora com visão do global, os objectivos sejam clara e precisamente definidos dentro do âmbito duma actuação possível.

É isso que o Projecto de Trabalho Com Crianças de Rua se propõe fazer nos próximos 4 anos. Consolidar resultados e sobretudo, depois de atacado o problema agudo, passar à prevenção, actuando mais perto das causas.

Estas Crianças têm Família, têm Comunidade de Residência que por razões várias rejeitaram. É lá que o trabalho tem agora que se intensificar. É lá, em Parceria Social e Económica e numa Abordagem Multi-

dimensional da Situação que têm que ser criadas as condições que permitam ser uma realidade para todas as Crianças de "Em Família Para Crescer".

Assim, o Projecto irá actuar em três áreas:

1 — Na área da Recuperação: esta área de actuação constitui a continuação do trabalho com Crianças de Rua, agora com especial incidência na prevenção. Importa dedicar uma atenção muito especial às Crianças na Rua, ou seja, todas aquelas que correm sério risco de entrar na marginalidade, por se encontrarem na mendicidade, com rejeição à Escola regular ou simplesmente em ociosidade;

2 — Na área do Desenvolvimento: as Famílias das Crianças da Rua, e na Rua, residem em zonas

(Chelas, Bairro 6 Maio, ...) carenciadas de elementares condições de vida e que são causa de marginalização das Crianças, a reclamar acções que ajudem a criar condições de Em Família Para Crescer;

3 — Na área da revalorização: a vida em Comunidade não pode processar-se sem existência de regras de convivência social que, por sua vez, se baseiam em valores que importa avivar e porventura não esquecer. Militam, nesse sentido e a seu nível, vários interventores sociais a quem importa prestar uma especial ajuda de informação e de formação dos jovens das respectivas áreas geográficas, os quais quer em si, quer por si, constituirão inestimável fermento de revalorização do meio humano em que vivem.

MÁRIO CORDEIRO

UM PEDIATRA AMIGO DAS C

M. L. LEVY

CONHECI o Professor Mário Cordeiro em 1943, quando, ainda aluna do curso de Medicina, comecei a frequentar o Serviço de Pediatria, então situado no Hospital de Santa Marta. O serviço era dirigido, desde 1940, pelo Professor Leonardo de Castro Freire, que, nessa data, ascendera a regente da cadeira de Pediatria da Faculdade de Medicina de Lisboa (FML).

A Pediatria, cadeira do último ano do curso médico, funcionava ainda em condições precárias. Resumia-se a uma consulta externa, não havendo à data uma unidade de internamento específico para crianças que, então, eram internadas em condições deficientes, numa enfermaria de adultos.

Foi aí que contactei pela primeira vez com o Professor Mário Cordeiro. Na altura, com 31 anos de idade, ocupava o cargo de 2º assistente de Pediatria da FML, cabendo-lhe trabalhar na consulta externa e ministrar duas aulas práticas semanais aos alunos da cadeira de Pediatria.

Mário Cordeiro nascera em Goa, em 1912. Aí fez os seus primeiros estudos, tendo transitado em 1926 para Lisboa, onde, no Liceu Pedro Nunes, terminou o curso liceal aos 15 anos de idade e com a classificação de 16 valores, ingressando desde logo na Faculdade de Ciências de Lisboa, onde frequentou durante um ano os preparatórios de Medicina. No ano seguinte, transitou para a FML, onde completou a licenciatura em Medicina em 31 de Julho de 1933, aos 21 anos de idade.

“Filho, neto e bisneto de médicos, cedo começou a interessar-se por medicina, em parte pelo pendor do seu espírito, em parte por influência do exemplo dos seus Maiores e do ambiente em que foi educado e do qual nunca se libertou”⁽¹⁾

A brilhante carreira universitária que seguiu e da qual percorreu todos os escalões até ao topo — professor catedrático após provas de agregação em 1974 — nunca lhe fizeram esquecer a sua terra natal, onde deixara muitos dos seus familiares e à qual voltou 35 anos depois, em 1961. Voltava, a convite do governador-geral, para proferir uma conferência em sessão solene da Escola Médico-Cirúrgica de Goa⁽²⁾.

Nesta conferência, intitulada “A Pediatria do passado, a Pediatria do presente e a Pediatria do futuro”, Mário Cordeiro, depois de fazer um historial da Escola Médico-Cirúrgica de Goa e do seu significado para a cultura portuguesa, diz: “Terceiro factor de emoção é o sentir nesta sala ainda o eco das vozes dos meus antepassados que aqui se formaram e aqui ensinaram. Mestres desta Escola, Quintiliano Cordeiro, meu avô, e António Filipe Pinto Cordeiro, meu pai, sinto ainda o seu coração palpar de amor e dedicação pela sua Escola que serviram com ciência e consciência. Para além da força genética do seu exemplo que sinto orientar-me na minha carreira profissional e pedagógica, serve-me de argumento para afirmar a recordação que ambos deixaram nos seus discípulos.”

O seu primeiro contacto com a Pediatria dera-se em 1934, após a sua formatura e ainda no Hospital de D. Estefânia, onde começara a trabalhar na consulta de Pediatria, e desde logo com o então professor auxiliar de Pediatria Leonardo da Costa Freire, com quem trabalhou até à jubilação daquele, e que foi o seu grande mestre. Referindo-se-lhe, diz Mário Cordeiro no seu currículo, o seguinte: “O seu grande Mestre em Pediatria foi-o porém o Professor L. de Castro Freire. É impossível exprimir em poucas palavras a influência que a personalidade do Professor Castro Freire exerceu na formação moral, profissional e pedagógica do Autor, desde 1934 até

1957, em 23 anos de íntimo e permanente contacto. O seu saber, a sua experiência, a sua amizade e o seu exemplo foram-lhe generosa e constantemente dispensados. Formou um discípulo e criou um amigo, sem nunca lhe tolher a personalidade, a cada passo confortada e estimulada pelas múltiplas provas de consideração profissional, encontrando méritos onde se punha simplesmente o firme e enorme desejo de aprender. À medida que os anos vão passando, e cada vez mais, radica-se no seu espírito a convicção sincera de que ao Mestre tudo deve, excepto as suas imperfeições”⁽³⁾.

Estas palavras, pela afectividade que contêm, põem em evidência muitas das qualidades de que o Professor Mário Cordeiro era possuidor. Era um homem bom, afável, generoso e leal, sempre desejoso de servir os outros sobretudo as crianças, a quem testemunhava tanto carinho e ao serviço das quais pôs todo o seu saber e dedicação.

A este propósito gostaria de citar algumas palavras que acerca de Mário Cordeiro escreveu o Professor Ramos de Almeida na altura do seu falecimento: “Havia nele uma vocação sincera para o diálogo, uma natural tolerância, uma paciência que permitiam vencer todos os obstáculos e encontrar sempre um ponto de entendimento”⁽³⁾.

Em 1954, o Serviço de Pediatria da FML transitou para o Hospital de Santa Maria. Novas exigências, novos desafios se lhe propuseram, quer no campo de ensino, como da assistência e da investigação; a todas procurou responder com um espírito de missão que nunca abandonou.

Inicialmente dedicado sobretudo ao estudo da Hematologia Infantil (a sua tese de doutoramento intitulou-se “Contribuição para o estudo do sangue na criança portuguesa”), os seus interesses no campo da Pediatria foram-se alargando

CRIANÇAS

e diversificando. Com o decorrer dos anos, privilegiou a vertente social da Pediatria; nas aulas práticas, tentava pôr o aluno em contacto directo não só com a patologia infantil corrente e mais variada, mas também com os problemas de ordem social, através de inquéritos às mães e às famílias. Podemos considerá-lo com o precursor do ensino de Pediatria Social, entre nós, óptica nova sob a qual se passava a encarar a saúde da criança enquadrada no meio e sofrendo os embates dos factores ecológicos. Tal filosofia terá sido por ventura influenciada pelo Centro Internacional da Infância, com o qual o Professor Mário Cordeiro mantinha uma relação privilegiada. Os objectivos fundamentais que o norteavam como professor eram os de educar o espírito do futuro médico para a prevenção e promoção da saúde da criança. Ensinar, para ele, era qualquer coisa de vital. "É ensinando que mais se aprende". Esta era uma frase habitual na sua boca e era esse entusiasmo pelo ensino que ele tentava insuflar aos seus colaboradores "(...) num verdadeiro espírito de universidade em que o intercâmbio do conhecimento foi estímulo para a permanente actualização de cada um (1).

A intervenção do Professor Mário Cordeiro na Pediatria portuguesa foi considerável. Como membro da Sociedade Portuguesa de Pediatria, na qual ocupou todos os lugares e da qual foi presidente entre 1962 e 1964, como director da "Revista Portuguesa de Pediatria", onde o brilhantismo dos seus editoriais veiculavam mensagens sempre actuais e de grande alcance social, como interveniente activo durante mais de quatro décadas nas múltiplas reuniões pediátricas em Portugal e no estrangeiro, ele foi um exemplo de dedicação a uma causa em que acreditava e que nunca abandonou, mesmo em períodos em que a sua saúde se sentiu abalada.

Trabalhámos juntos desde que entrei oficialmente no Serviço de Pediatria como 2º assistente, em 1950. As nossas relações foram sempre cordiais e amistosas. Mas foi, sobretudo, a partir de 1972, quando o Professor Mário Cordeiro assumiu a regência da cadeira de Pediatria e Puericultura que as nossas relações se estreitaram. Ele era agora o regente da cadeira de Pediatria e o director do Serviço. Eu era então, quer a nível universitário quer hospitalar, a pessoa que hierarquicamente se lhe seguia. Julgo poder afirmar que trabalhámos sempre lado a lado e sempre com o mesmo objectivo: servir a criança e a Faculdade onde estávamos integrados.

Datam dessa época alguns trabalhos realizados em comum, incidindo em áreas que tanto nos preocupavam, tais como: dificuldades no ensino (4), comunicação com a criança hospitalizada (5), perspectivas do ensino fora do hospital (6), a investigação e o ensino (7), a ética em Pediatria (8), e que foram apresentados na reunião anual da Associação para o Ensino de Pediatria na Europa (AEPE) e que ficam como testemunho dessa colaboração.

Foi exactamente em 1980, de regresso da Grécia, de uma destas reuniões anuais, que o Professor Mário Cordeiro, sem que nada o fizesse prever, adoeceu subitamente.

Esperámos durante alguns meses que se viesse a recuperar da sua doença e voltasse à sua Faculdade. Infelizmente assim não aconteceu, vindo a falecer em Dezembro de 1980, deixando-nos mergulhados em profunda tristeza.

Não podemos no entanto esquecer os muitos anos de convivência leal e franca e a sua presença sempre activa nas reuniões da Pediatria portuguesa e nos múltiplos congressos internacionais em que, frequentemente acompanhado por sua mulher, me admitiam na sua intimidade e me permitiam usufruir de momentos de convivência ines-

quecíveis que eu relembro aqui com saudade.

Profundamente católico, foi membro activo da Associação de Médicos Católicos Portugueses, da qual foi presidente de 1965 a 1970.

Tinha grande orgulho, aliás justificado, na sua família: a sua mulher — a srª D. Gina, como familiarmente a tratávamos — e os seus filhos. É-me grato lembrar, nesta nota singela que escrevo e que não consegue dar a dimensão total da personalidade do Professor Mário Cordeiro, que os seus filhos têm dedicado grande parte da sua vida à causa da Criança. No professorado (secundário ou infantil), na enfermagem ou na medicina, continuam, nas suas respectivas profissões, a seguir o caminho percorrido por seu pai, sempre com o objectivo de servir a Criança.

(1) Cordeiro M., *Curriculum Vitae*, 1974, Lisboa.

(2) Cordeiro M., "A Pediatria do Passado, a Pediatria do Presente e a Pediatria do Futuro", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1962; 25: 65-78.

(3) Ramos de Almeida, J. M., "Editorial", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1981; 12:12.

(4) Cordeiro, M., e Levy, M.L., "Problems and difficulties of Paediatrics teaching at the Medical School of Lisbon", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1976; 7: 158-63.

(5) Cordeiro, M., e Levy, M.L., Dias Cordeiro, J., "La Communication avec l'enfant hospitalisé", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1979; 10: 179-86.

(6) Cordeiro, M., e Levy, M.L., "Perspectives for the teaching of Paediatrics outside the Lisbon University Hospital", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1978; 9: 4-12.

(7) Cordeiro, M., e Levy, M.L., "La recherche et l'enseignement", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1980; 11: 356-65.

(8) Cordeiro, M., e Levy, M.L., "L'enseignement de l'éthique en pédiatrie aux étudiants en médecine", *Revista Portuguesa de Pediatria*, 1980; 11: 56-65.

A VELHICE E O ISOLAMENTO

MANUEL COUTINHO

QUE o homem tem de envelhecer e, por último, há-de um dia morrer constitui uma das realidades básicas da vida. Toda a gente sabe isso e, sem dúvida, todos nos inclinamos a dar a este fenómeno espaço possível.

Mas, quer se queira aceitar ou não, a verdade é que a velhice se aproxima de todos os seres vivos, cada dia um pouco mais, e assim a mudança causada pelo envelhecer vai surgindo, aumentando as incomodidades e as doenças.

A medicina não prolongou a vida do homem, mas conseguiu que fosse maior o número de pessoas que chegam à velhice. Deste modo, viver muito significa contar com a velhice.

Presta-se atenção sobretudo à circulação, à força muscular, ao coração. Mas é preciso mudar, porque, para além destes fenómenos mais orgânicos, o idoso tem direito de desfrutar de uma vida com sentido. É preciso estabelecer contactos humanos, que contêm em si mais aliciantes do que o permanecer inactivo, como acontece à maioria dos idosos.

O idoso não é simplesmente aquele que já viveu. É, para além disso, alguém que está vivo. Alguém que precisa de se encontrar vinculado à comunidade, às outras pessoas.

Temos de reformular as mentalidades que julgam ser o idoso alguém totalmente limitado e sem interesses. O idoso, ao contrário do que é dito, consegue interessar-se por muitas coisas. A velhice não é sinónimo de muitos anos e poucos interesses, mas sim de muitos anos e de muitos interesses.

Embora o indivíduo esteja velho, não deve ficar desadaptado, inútil, ou sentir-se rejeitado, pois todas as idades têm um lado positivo, há sempre alguma maneira de encontrar felicidade.

As experiências passadas são centros de interesse que o idoso pode aproveitar para recolher satisfação. O interesse pela vida, pelo



futuro, pelo passado, impedem a pessoa de idade de se sentir isolada, não lhe causando sentimentos de desvalorização.

O idoso bem adaptado, em que o interesse pela vida seja grande e que de certa forma possa estar inserido na comunidade, não se sentirá só.

No entanto, só num meio ambiente apropriado e rodeado de atitudes de interajuda se consegue esse equilíbrio. Como a actividade é o maior inimigo da

velhice, é preciso criar estruturas a nível das autarquias locais para que os idosos possam estar ocupados com as tarefas adequadas às suas possibilidades, possam comunicar, possam estabelecer laços de amizade com os elementos da comunidade em que estão inseridos.

A idade avançada não pode ser um obstáculo que se interpõe entre a satisfação de conviver e trabalhar e o direito de humanizar a velhice. O isolamento do idoso é algo que só ele sente, mas na maioria dos casos significa a privação das satisfações pessoais a que estava habituado.



MUSEU DA CRIANÇA

NO sentido de estimular, apoiar e divulgar o trabalho de todos aqueles que se preocupam com a procura de novas respostas para os problemas da infância, sem se substituir a quaisquer organismos existentes nem duplicar acções já assumidas por outras entidades, o IAC tem a preocupação de concretizar um conjunto diversificado de programas e de projectos.

Um destes projectos em curso é a criação do Museu da Criança, que conta com a colaboração de outras associações e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa.

Neste âmbito, recebemos do sr. Adolfo Ayala, de Lisboa, a generosa oferta de uma colecção, que consideramos de grande valor, de 118 bonecas vestidas com trajes de todo o mundo, com as quais faremos uma exposição, em local ainda não definido.

Ao ofertante expressamos os nossos agradecimentos, bem como a sua prima, D. Maria Helena Seródio, que com todo o entusiasmo cuidou da concretização desta doação.

“PROGRESSO DAS NAÇÕES”

A convite da UNICEF, Manuela Eanes esteve presente, dia 4 de Julho, no Palácio das Galveias, no lançamento do 2º número do relatório “Progresso das Nações”. A cerimónia teve a participação do Prof. Marçal Grilo, Prof. Gomes Pedro e Drª Marta Santos Pais, que falaram sobre temas relacionados com Educação, Saúde e Direitos da Criança.

ESCOLA MODERNA

NOS dias 20 a 23 de Julho, realizou-se o 16º Encontro do Movimento Escola Moderna, na Escola Superior de Educação, em Lisboa.

Dar a conhecer os projectos desenvolvidos nos vários ciclos de ensino e reflectir sobre o papel do professor foi o objectivo do congresso.

Presente, pelo IAC, Ana Filipe.

ACTIVIDADE LÚDICA

TEVE lugar, nos dias, 6, 7, 8, e 9 de Julho, em Parthenay, a “Deuxième Université d’Été des Ludothécaires”, organizada pela Associação de Ludotecários Franceses.

“Actividade Lúdica — Brinquedos e seus envolvimentos”; “Jogos de vídeo”; “Jogos tradicionais”; “Ludotecas”; “Brinquedos e comunicação na criança”; “Jogar e aprender, o mesmo combate”; “Ludobus, relatos e experiências” — foram os temas abordados no encontro, a que estiveram presentes Leonor Santos e Natália Pais.

PRÓXIMAS ACÇÕES

As próximas acções de formação da Actividade Lúdica terão lugar no mês de Outubro, nos dias 25, 26 e 27, em que Cristina Taquelim, da Câmara Municipal de Beja, e Filomena Viegas, do IAC, orientarão a acção “Comunicação, Palavras e Imagens”. Em Novembro, haverá duas acções, orientadas por Leonor Santos, do IAC: a 9 e 10, selecção e caracterização de brinquedos e a 22 e 23, “Como fazer um projecto para implementação de uma ludoteca”.

↙ Não ter com quem comunicar, estar desintegrado, não ver as pessoas, não ter afecto, são, entre outras, algumas fontes de desânimo que o isolamento produz.

Os idosos, na sua maioria, sentem necessidade de ser úteis aos outros, com as suas actividades. Deste modo, poder-se-ia aproveitar tão grande fonte de recursos humanos em vez de os canalizar para lares em que ficam até ao fim da vida inactivos. É preciso salientar que eles podem ter um papel fundamental ao transmitir os seus conhecimentos práticos, as suas experiências, a sua cultura de geração. São estes os valores que dão à vida uma tonalidade verdadeiramente humana. Os idosos guardam em si próprios tesouros de sabedoria e de princípios de conduta moral que de outra forma poderão ser adquiridos.

Podemos, assim, compreender a importância que tem para a saúde mental da pessoa idosa o tipo de relações humanas que existem na sociedade em que ela vive. Numa sociedade em que a pessoa conta apenas na medida em que produz riqueza, em que é apenas um elo de uma engrenagem, não tem havido, de facto, lugar para a pessoa de idade, que tem sido sucessivamente marginalizada, suportada e esquecida.

Todos nós, que conhecemos um homem ou uma mulher idosos nesta situação, temos como tarefa comum contribuir activamente para tornar o seu quotidiano mais gratificante — para que um dia os nossos filhos ou netos tenham aprendido connosco a fazer o mesmo.

IAC PRESENTE

Na VI Bienal Pediátrica de Beja, nos dias 8 e 9 de Junho, no Auditório de Verdes, Manuela Eanes presidiu a conferência inaugural, subordinada ao tema "Os Problemas da Criança Portuguesa na Perspectiva do IAC".

No VI Encontro Nacional da Associação Portuguesa para a Promoção da Saúde Pública, a 7 de Junho, no Instituto de Saúde Pública, Manuela Eanes integrou a mesa-redonda do encontro, "Jovens e Adolescentes, Novos Problemas", tendo participado no painel "Perspectivas de Intervenção".

No dia 20 de Maio, na Escola nº 3 do Laranjito, Manuela Eanes, a convite dos professores daquela escola, presidiu uma conferência sobre o IAC e a Família.

Nas III Jornadas de Enfermagem da Maternidade Alfredo da Costa, a dia 20 de Maio, na Fundação Calouste Gulbenkian, subordinadas ao tema "A Mulher, a Família e a Sociedade", Manuela Eanes interveio com "A Criança maltratada — que perspectivas futuras?".

Na Guarda, Manuela Eanes participou, nos dias 23 e 24 de Junho, na Encontro "A Criança no limiar do Século XXI — Saúde e Educação", fazendo parte da mesa de honra e abrindo o encontro com o tema "A Criança centro das preocupações para o terceiro milénio".

SOS-CRIANÇA

Em Maio, no dia 27, Manuel Coutinho foi entrevistado por Clara Soares para o IAC sobre o SOS-Criança.

Jorge Ferreira, no dia 30 de Maio, foi entrevistado pela RDP-Internacional, no programa Pontos nos II. No mesmo dia, Maria João Pena foi entrevistada por Sandra Reis, da Rádio Pinhal Novo, e pela Rádio-Renascença, e Manuel Coutinho, entrevistado por Carlos Andrade, para o programa Interactivo Forum 10.11, da TSF.

O *Correio da Manhã* entrevistou, no dia 31 de Maio, Manuel Coutinho, sobre a situação das crianças em Portugal.

A Rádio Santarém e a Rádio Alfa Paris entrevistaram, no dia 1 de Junho, Jorge Ferreira. No mesmo dia, Maria João Pena foi entrevistada pela Rádio Voz de Almatia.

Em Agosto, no dia 1, foi entrevistado por Ana Glória Lucas, do Diário de Notícias, Manuel Coutinho, e no dia 3, a Rádio Prisma entrevistou-o em directo no noticiário das 11 horas, na qualidade de Coordenador do SOS-Criança.

Ainda no âmbito das actividades do SOS-Criança, Jorge Ferreira realizou o seminário "Estudo e prevenção de situações de crianças em estado de abandono e a prática mendicitude na região de Lisboa".

"DA DIFERENÇA AO PRAZER DE EXISTIR..." É UM CONGRESSO QUE ASSINALA O 40º ANIVERSÁRIO DA LIGA PORTUGUESA DOS DEFICIENTES MOTAIS E QUE É TAMBÉM UMA HOMENAGEM AO DOUTOR JOÃO DOS SANTOS. A REALIZAR NOS DIAS 27, 28 E 29 DE OUTUBRO DE 1994, NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, EM LISBOA, O CONGRESSO TERÁ COMUNICAÇÕES DO IAC EM UM DAS ENTIDADES ORGANIZADORAS NUMAS QUATRO SALAS A FUNCIONAR, NA MANHÃ DO DIA 29.



MARCHA PELA CRIANÇA

No dia 2 de Outubro próximo, pelas 9 horas, partirá da Gare Marítima de Alcântara uma marcha muito singular: é a Marcha por Uma Causa: a favor da Criança Portuguesa Desfavorecida.

No percurso de 10 km, a Marcha passará pelo Parque dos Descobrimentos, Torre de Belém, Centro Cultural de Belém, Planetário Calouste Gulbenkian, Mosteiro dos Jerónimos, Praça das Índias — e terminará no Jardim de Belém.

Para participar neste evento — todas as pessoas, de todas as idades poderão fazê-lo —, da iniciativa da Fundação Aga Khan, pode ser usado o telefone 810 37 42, enviando um postal RST emitido, ou directamente à sede da Fundação, na Rua Francisco Andrade, 12, em Lisboa.

Durante a Marcha, serão recolhidos donativos, que podem igualmente ser enviados para a Fundação por quem não deseja participar.

faça do sonho
uma esperança

